

resse proprio, obrigação de suppartal-a.

Havia um piano na sala, e, quando Felicia quiz tocar, sem duvida para dar-me occasião de apreciar o seu talento musical, sua mãe bradou-lhe:

— Oh! menina! não me deixarás conversar á minha vontade com o senhor!...

E o que é peor, é que a era. Geralda não fallava só pelos labios; movia desordenadamente a cabeça, distribuia pancadas, batia com os pés, remexia-se na cadeira como se estivesse sentada sobre alfinetes, e puxava-me pelo queixo quando não lhe prestava a devida attenção.

Era o demonio a tal velha.

A politica era o seu forte, e ai daquelle que contrariasse suas opiniões!... Para satisfazê-la abjurei minhas creanças politicas, e concordei absolutamente com ella.

Supportei-a com paciencia; mas não consegui fazer alliança com uns oculos que lhe cavalgavam na ponta do nariz. Oculos só comparaveis aos de um usurario, aos de um escrivão, que não quer vêr; só comparaveis emfim á elles mesmos.

Chegou o hora do chá, deveras succolento. Debalde recusei os offerecimentos de D. Geralda, allegando as proporções do meu estomago; ella teimava em servir-me com prodigalidade. Ainda desta vez quiz fazer a vontade á velha; mesmo porque nunca me falta appetite, quando estou satisfeito, ou me julgo feliz.

(Continúa)

POESIA

Revolução

SEIS DE MARÇO

1

No solo extenso dos palmares verdes,
Onde na selva a juriti suspira,
E ouvem-se queixas do sabiá magoado,
E as rolas gemem quando o sol expira,
Se embala um ninho nas florestas virgens,
— Pallida estrella que se envolve em luz,
E esenta os nivos do jaguar que ulula,
E a voz faminta dos caboclos nós.

Era nas horas em que o sol brilhava,
Iluminando da victoria as plagas,
Onde o Recife Pernambuco estende,
— Braço de pedra, com que parte as vagas.
Era no berço dos heroes do norte,
Onde Pedro Ivo se embalava então,
— Creança ainda na fecunda larva,
Donde mais tarde rebentou Tritão.

Trava-se a luta: na explosão do ataque,
A terra treme do espectáculo novo:
Tombam os mortos, ao tinar dos gladios;
Erguem-se as almas, coroando o povo.
Cruzam-se as lanças; os ginetes rincham;
Rufam as caixas, como ronca o mar;
Todos os sinos dão signal do alarma,
E echão um cêro de trovões no ar.

Como coriscos, transuando matas,
Como gigantes, a escalar infernos,
Lançam-se os bravos dos serões do norte
De encontro á tropa dos Cains modernos.

Fallam chispas dos heroes nas tumbas,
— Cryptas abertas pela mão de Deus,
Como as estrellas que horripa a noite
Do fumaento nos cerebros véos.

Lavas de fumo, de metralha e fogo
Jorram das gorjas do canhão tremendo:
A morte se ergue d'um paúl de sangue,
Como o esqueleto d'um fantasma borrendo.
A liberdade quer fallar ás turbas,
Surge a victoria e despedaça o obuz.
Passa a Republica assombrando os ares,
— Nuvem de glorias n'um tufão de luz.

E ouve-se o estalo d'um ranger de dentes,
Acompanhado de infernaes risadas;
Ancia esfaimada das eternidades,
Que engolem mundos, mastigando ossadas;
Echo fremente dos pulmões do abysmo:
Blasphemia horriovel de milhões de atheus:
Voz das espheras, gargalhando a um tempo;
Todo o universo, maldizendo a Deus.

Era o governo — leviathan ferido,
A debater-se na cervical apneia,
Quando o infinito suspendia a terra,
Pra vêr de perto o borbulhar da idéa.
Era a realceza, que tombava uivando,
Sob o tridente da sagrada lei,
Ante o direito, que punia o crime,
Ante a nação, que condemnava o rei.

Era dos monstros o estridente silvo,
Nas trévas densas do nadir do pego,
Onde enrijavam-se as entranhas negras
Do satrapismo desvaído e cego.
Era a caverna, o cadafalso, o throno,
A farpa, o corvo, a prepotencia, o mal,
O horror, a hydra, a tyrannia, o sceptro
Cedendo á força d'um poder fatal.

Erguem-se um vulto: n'amplidão da frente
Entrelaçavam-se os laureis do athleta,
Tendo enriçada a cabelleira crespa,
— Hispida cauda de eterna cometa.
E das espaduas sacudindo o ocoimo,
— Manto de espumas que o tufão bordou,
Maior que o espaço, mais audaz que o raio,
Cresceu ainda... e — furacão fallou:

“Rugi, canhões!... espadanae-vos, sangue!...
“Kolac, phalanxes!... fermentae, batalhas!...
“E' dessa massa que as nações se fazem
“Nas labaredas dos vulcões — fornalthas.”
Era o Equador, que alevantando os mares,
— Cyclope enorme a topetar com o céu,
Altria os braços para amparar o globo,
Bradava aos orbes: — “o futuro é meu.”

Depois... no campo da renhida pugna,
Bravo, sanguento, desgrelhado, estoso,
Galgando o espaço n'um coreel de fumo,
Passa a galope o vencedor glorioso.
E' Pernambuco, que se fez Mazeppa,
E corre... e vòa, co'o porvir na mão!...
Brazil! montanhas! oceanos, ventos!
Seguiu-o... é o genio da Revolução.

Sub umbra

Dise mais uma vez, uma só, dise
Essas palavras de celeste uneção:
Eu não as comprehendí; mas me vibrarão
N'uma corda esquecida ao coração.

Tu disseste...

Eu te amo, e não entendes,
O que eu quero exprimir!... Estás zombando?
Ou em altos problemas, velho Fausto,
Quando fullo contigo, estás pensando?...

— Entendo, entendo agora. Oh! não te rias,
Da existencia — o trabalho é condieção,
E da alma os sentimentos se atrophião,
Como os órgãos do corpo na inacção.

Cem lubios tem-me dito essas palavras:
Mas foi o coração, que as disse em ti,
E assim, do minha mão no abraço extremo,
Foi a voz derradeira, que as ouvi!...

C. SILVA.

A noite de nupcias

ARSÊNIO ROUSSEAU

E' meia noite! Alabustrim lampada
Pallidos raios, solitarios, trémulos
Derrama alôo.
Doidas phalenas de brilhar notivago
Sobre o franjado das cortinas núbidas
Baixar-se vêm.
Ella, Emmelina, no nacio flandamo,
A vás palavras, a convectos frivolos
Nega attenção;
A candidez, que lhe apparece timida
Para n'ess'hora a socorrer sozinha.
Murmura em vão.
Ao arruñ da festa, Alberto furta-se;
Junto da esposa, que contempla extatico,
Ella a velar;
Delirante d'amor, a virgem pudica
Cuida na queda, qu'innuente espera-a,
E finge dormir.
O terno esposo, como amante safoego,
Empunha co'a pureza luta homérica,
Em vão touz;
Lança ainda uma vez olhar idolatra
E, fora de combate, a esposa tuda
Prostrada jaz.
Quando a candura, na voraz luscivia,
Cabe sob o golpe que a tenoz de subito
E subito a redoz.
Amor, o terno amor, de gosos claro
Adega a esmo... e d'argentina lampada
Apaga a luz.

Rio de Janeiro.

M. A. LEMMA BARREIA.

Anhelos

Eu só quizera, moreminha bella,
Deitada verde no xirapo leito,
Soltas as tranças, em desprezo as vestes
E palpitante teu charmeo peito.
Ten rosto d'umja contemplar quizerá
Quando te visse por Morphéo venciá,
E embriagar-me no perfume santo
Que de teu corpo se exalasse, oh! qu'rida.
Quir quizerá teus doirados sonhos,
Meio inclinado sobre o collo teu,
Sonhos insontes, da nuda lúvres
Que só ás virgens o Supremo deu.

E quando enfim nos altivos montes
Eu visse bello Hypireu nascer,
Eu só quizerá nos teus castos labios
Depór um beijo, ao depois... morrer.
Rio. 1873.

ROSALINO BRAGA

Cor de esperança

Quiram uns ser a avara cruz mimosa
Que se afaga em teo seio palpitante,
Prefiram outros ser teo leque amante,
Amen outros teo péo a penna airosa;

Mui doce é ser a volta graciosa
Que em teos roloços braços jaz constante:
Mais doce ser teo sonho delirante,
E uma prece em teos labios cor de rosa.

Tanto não quero eu, basta creança,
Que eu seja em tuas mãos, como entre flôres,
Essas luvras que são-côr de esperança. —

Essas luvras que occultam dois primores,
Onde enganado o meo amor descansa,
Sem que eu possa, á teos pés morrer de amores

GENERINO DOS SANTOS.